

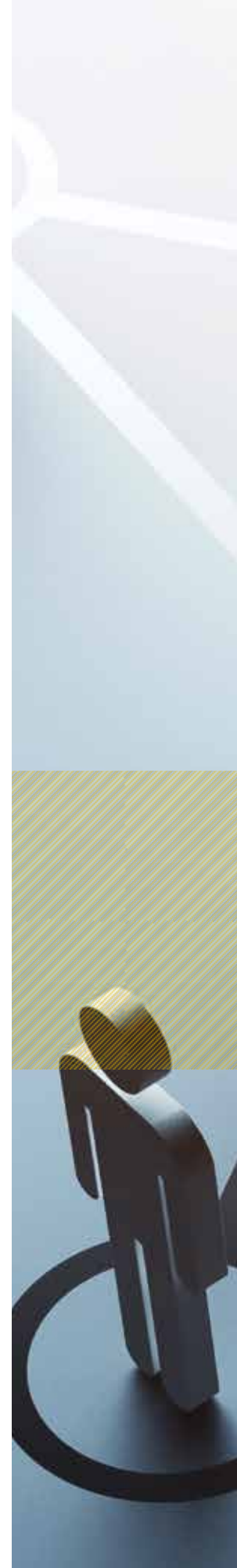
# A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: NÃO À ADAPTAÇÃO DO ENSINO



**Hugo Cesar  
Bueno Nunes**  
Mestre em Educação  
Física e doutorando  
em Educação. Analista  
técnico educacional  
da rede Sesi/SP

**V**imos assistindo, nas escolas, a partir dos anos 1980 e 90 do século passado, a um movimento que buscou integrar alunos com deficiência e os tidos como “normais”. Porém, esse movimento integrativo mostrou algumas limitações, como, por exemplo, um esforço de todos na escola para atender especialmente aos alunos com deficiência, deixando em segundo plano todos os outros. Com o intuito de ir mais longe, na década de 1990 foi concebida a Declaração de Salamanca, entre outras políticas de inclusão que tiveram como objetivo reorientar o trabalho com a deficiência na escola. A Declaração de Salamanca trata de princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. A inclusão de crianças, jovens e adultos com deficiência dentro do sistema regular de ensino é questão central do documento.

Recentemente tivemos a promulgação da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, instituída pela Lei n. 13.146/2015. Em seu artigo 28, a lei destaca que “incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar” os sistemas educacionais inclusivos em todos os níveis e modalidades, bem como a oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena, entre outros.





Podemos verificar, a partir dessa legislação, que o foco do trabalho com pessoas com deficiência se modifica. Se antes a intencionalidade era a integração da pessoa com deficiência, agora o objetivo é a inclusão dos alunos com foco na organização de um ambiente que permita o acesso da pessoa com deficiência ao conhecimento e um melhor desenvolvimento humano, ou seja, uma inclusão plena.

Desse modo, tais políticas educacionais estão em conformidade com a ideia de *identidades fragmentadas*, conceito que desponta com força nas discussões contemporâneas da educação. Assim, ao invés de a identidade ser sempre uma responsabilidade do próprio sujeito, algo natural e fixo, passa-se a conceber a ideia de identidades como algo cambiante, fragmentado, em que tais identidades são sempre o resultado transitório de processos de identificação. Perante essa concepção rasurada de identidade, o que hoje pode ser uma barreira para o aprendizado do aluno amanhã pode não

ser – eis o papel central das relações na atuação didático-pedagógica que estabelecemos e proporcionamos no ambiente escolar.

Desta feita, o conceito de *relação* pode ser expresso da seguinte maneira: imaginemos uma criança com deficiência auditiva de nascença. Ela é real, existe, mas não ouve os sons como uma criança ouvinte. Mas, além de ser real, essa criança é uma ideia no meu pensamento. Eu posso ter a ideia de uma criança surda. No momento em que eu penso “uma criança surda nadando”, eu faço uma ligação da ideia de criança surda executando os movimentos da natação. Na hora que eu penso “uma criança surda andando de bicicleta”, eu faço uma ligação da ideia de criança surda com uma bicicleta, e produzo duas crianças diferentes... porque a ideia se compôs.

A ideia é aquilo que só pode ser pensado nas suas composições. Quando penso em uma criança no século XVII, ela é diferente da criança moderna – por-

que são outros tipos de composição. É pela composição que nós vamos entender as coisas. Assim, não devemos pensar a ideia de criança com deficiência em si mesma. *Ideia em si mesma* é sinônimo de *essência*. Estou pensando as ideias em composição. Cada criança é uma composição diferente e, na aula, todas as minhas ações didáticas devem considerar isso.

Assim, pensar uma educação física perspectivada no viés da diferença é fundamental para que possamos olhar para os estudantes e vê-los como seres singulares, com suas particularidades e potencialidades. Nesse contexto, fazemos uma defesa pelo currículo cultural, o qual considera que as diferenças não são impeditivas, e que os diferentes não são vítimas a quem é preciso diagnosticar, dominar, controlar, regular e normalizar. Em uma pedagogia cultural, as diferenças funcionam como pontos de partida para a prática pedagógica. O currículo cultural escuta o que os diferentes têm a dizer e presta atenção no repertório cultural corporal que os estudantes acessam, como ressalta Marcos Garcia Neira, no texto *Etnografando a prática do skate: elementos para o currículo da educação física*.

Um currículo que potencialize as diferenças, como o currículo cultural, não vê como problema questões tão caras à educação, como o processo de adaptação curricular para estudantes com deficiência, mesmo porque, em um currículo assim, todos os estudantes têm que ter espaço para serem ouvidos, para terem seus saberes reconhecidos e para experienciarem as vivências propostas. Sendo assim, atividades específicas de adaptação para inclusão não fazem sentido, pois ninguém está excluído no currículo cultural.

A partir dessa posição multicultural, descrevemos alguns pontos relevantes que os docentes podem considerar ao trabalhar com suas crianças: valorizar as problematizações advindas do processo didático e do encontro com os estudantes; diversificar as atividades de ensino, buscando atender a todos os estudantes e suas necessidades; valorizar o diálogo entre os envolvidos no processo didático-pedagógico; e diversificar as temáticas que serão estudadas ao longo do ano.

Uma vez que a educação inclusiva reconhece as fragilidades do sistema de ensino e evidencia a necessidade de confrontar práticas discriminatórias, uma educação física a favor dos mais fracos, que aponte para a problematização das manifestações corporais a partir da desconstrução de discursos hegemônicos que as circundam, pode ser o primeiro passo para a qualidade da inclusão nas aulas, como diz Neira e Aline Toffoli Martins no texto *Interfaces entre o currículo cultural da educação física e o processo de inclusão*. Adaptações curriculares... Não e sim, um currículo da diferença! ■

nuneshugo@live.com